



ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA SOBRE JORNALISMO

Valencienne, 15 a 17 de junho de 2020

Os encontros internacionais de pesquisa em jornalismo serão realizados pela primeira vez de 15 a 17 de junho de 2020

Eles reúnem dois colóquios:

A segunda edição do Colóquio *Brasil - França - Bélgica Francófona de Pesquisa em Jornalismo*

Jornalismo e experimentações

A quinta edição do Colóquio MEJOR (*mudanças estruturais no jornalismo*)

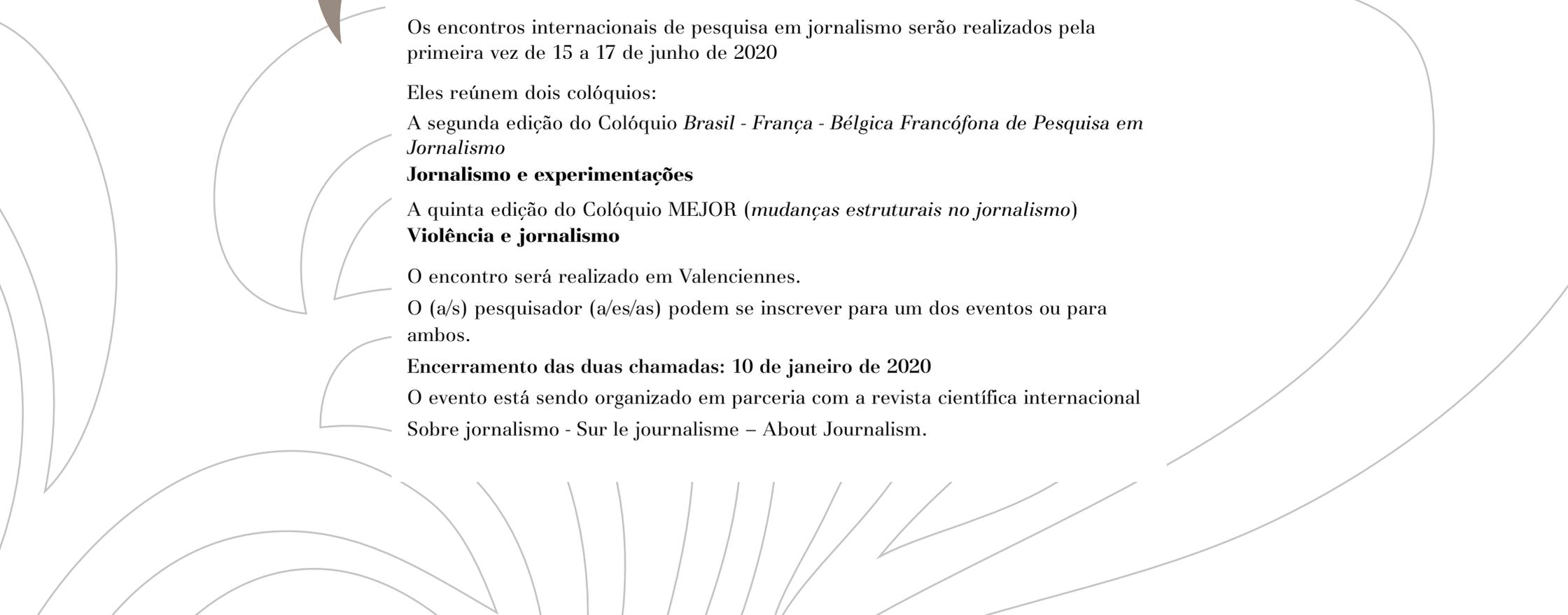
Violência e jornalismo

O encontro será realizado em Valenciennes.

O (a/s) pesquisador (a/es/as) podem se inscrever para um dos eventos ou para ambos.

Encerramento das duas chamadas: 10 de janeiro de 2020

O evento está sendo organizado em parceria com a revista científica internacional Sobre jornalismo - Sur le journalisme – About Journalism.



2º Colóquio Brasil - França – Bélgica Francófona de Pesquisa em Jornalismo

CHAMADA DE TRABALHOS

Jornalismo e experimentações no Brasil e no mundo francófono

Data: 15 de junho de 2020

Organizado por:

SBPJor. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, Brasil.

DeVisu - EA 2445. Laboratório de Design Visual e urbano (Universidade Politécnica de Hauts-de-France), França.

ReSIC, Centro de Pesquisa Científica, informação e Comunicação e **LaPIJ**,

Laboratório de Práticas e Identidades Jornalísticas (Universidade Livre de Bruxelas), Bélgica.

GRIPIC, Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em processos de informação e comunicação, Celsa,

Universidade de Sorbonne, França.

Arènes, UMR CNRS 6051 (CNRS - Universidade de Rennes 1, Science Po Rennes, Universidade da Haute Bretagne, EHESP), França.

Idioma dos trabalhos:

Inglês, Francês, Português.

Em novembro de 2018 foi realizado em São Paulo o 1º. Colóquio Brasil, França e Bélgica Francófona de Pesquisa em Jornalismo. O tema foi “As fronteiras socioculturais do jornalismo no Brasil e no espaço francófono”, tendo sido então organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor), pelo GIS Journalism e ReSIC / Lapij.

Este 2º. Colóquio Brasil, França e Bélgica Francófona de Pesquisa em Jornalismo está associado ao Colóquio MEJOR e faz parte do Encontro Internacional de Pesquisa sobre Jornalismo. Os eventos serão realizados na França pelo laboratório DeVisu, localizado na Arenberg Creative Mine (Universidade Politécnica Hauts-de-France) em junho de 2020.

Esta chamada refere-se às diferentes formas de experimentação no jornalismo, que nas últimas décadas atravessa um profundo e acelerado processo de mudanças no Brasil e no espaço francófono. Elas têm múltiplas causas: crise do modelo econômico das empresas de mídia, adaptação à marcha forçada dos avanços tecnológicos, desinformação, insatisfação ou mesmo descrédito por parte do (a/s) cidadão(ãs/s). Diante desses desafios, a experimentação se tornaria um imperativo para as mídias. Por experimentação se entende um experimento feito em vista de um resultado. É um dos caminhos que o jornalismo historicamente tem usado para se adaptar continuamente aos novos contextos de produção, transmissão e recepção. Essa chamada está aberta às experimentações realizadas no interior bem como às margens do sistema jornalístico. Por meio deles, se

cristalizam as questões vivas que devem ser respondidas pelo jornalismo, hoje como ontem, cuja razão de ser nem sempre parece autoevidente.

O tema Jornalismo e experimentações no Brasil e no mundo francófono, portanto, está aberto a trabalhos em vários níveis interdependentes:

- 1) as diferentes formas de experimentação e suas finalidades;
- 2) as/os atrizes/atores e os contextos;
- 3) as experimentações como objetos de discurso, reflexão e apropriação
- 4) Experimentações e jornalismo: perspectiva histórica.

As comunicações podem fazer parte dos seguintes eixos:

Eixo 1: Objetos, práticas, públicos

No jornalismo, as mudanças midiáticas e tecnológicas dão origem a experimentações múltiplas que se desdobram em várias direções. O desenvolvimento digital apresenta possibilidades novas em termos de produção de conteúdo (multimídia, interatividade), de narração, formato, transmissão e engajamento de audiências. Mais recentemente, a realidade virtual, a inteligência artificial e o uso de algoritmos passaram a atrair a atenção. No entanto, além das inovações tecnológicas, essas experimentações exploram novas práticas jornalísticas, formas de investigar, checar, formatar e visualizar as informações. Trata-se também de uma oportunidade de

estabelecer outra relação com a escrita, com estéticas diferentes e outros ritmos da informação. Destaca-se, portanto, a criação de conteúdos mais atraentes para ganhar novos públicos e, especialmente, mantê-los. A proposta é a de analisar seu potencial de desenvolvimento e sua articulação com as práticas redacionais convencionais, ou seja, a capacidade de integração ao jornalismo, de forma a não permanecerem como práticas marginalizadas ou como produtos de nicho. Às vezes em sua radicalidade, essas experimentações chegam ao ponto de questionar ao jornalismo suas fundações, seus objetivos, suas fronteiras e até sua epistemologia.

Eixo 2: Atores/atrizes, lugares, temporalidades

Essas experimentações mobilizam uma multiplicidade de atores/atrizes, jornalistas ou não, tanto no interior quanto fora das mídias. Eles contribuem para o desenvolvimento atual do jornalismo, que vê tarefas e habilidades, identidades e trajetórias profissionais se reconfigurarem. Essas experimentações renovam as culturas profissionais, transformando a própria profissão de jornalismo e, ao fazê-lo, elas também enfrentam resistências. Elas propiciam a oportunidade de considerar outras formas de organização midiática, como departamentos de P&D e *medialabs* abrigando equipes multidisciplinares onde jornalistas e engenheiros trabalham lado a lado. Outros lugares, os mais inesperados, às vezes longe das mídias, emergem ao sabor de iniciativas e eventos individuais e coletivos. Também estamos atentos às circunstâncias que promovem essas experimentações, à sua própria temporalidade, ao seu desenrolar como um processo que eventualmente se encaixa em uma estratégia que incentive a inovação sustentável em um ambiente marcado por mudanças permanentes.

Eixo 3: Fala, reflexividade, formação

Vamos questionar a própria noção de experimentação, isto é, como ela se deixa apreender, entre entusiasmo e resistência crítica, em discursos e práticas autorais, que se sobrepõem parcialmente às inovações e às mudanças. Essas experimentações são acompanhadas de uma reflexividade que precisa ser bem caracterizada. Como elas são pensadas em seus princípios, valores e propósitos? Na sua relação às tecnologias, eles questionam o lugar do editorial e do humano, bem como o próprio sentido do jornalismo em suas dimensões ética e deontológica. Se habilidades específicas forem identificadas, questionaremos sua aprendizagem na formação de futuros jornalistas pelas instituições de ensino superior. Da mesma forma, estes desenvolvimentos não são sem consequências no campo da educação para a mídia.

Para estudos acadêmicos em jornalismo, as experimentações constituem um problema de escolha. Sua história, variedade e expansão suscitam de forma crucial a questão de seu estudo por pesquisadores. Quais são os paradigmas invocados, as teorias e metodologias utilizadas? Além dos objetos e discursos dos profissionais, estamos interessados no estudo da experiência dos receptores. Em constante desenvolvimento, o jornalismo contemporâneo aborda práticas e objetos efêmeros por definição, apresentando uma dificuldade de pesquisa que obedece a outra temporalidade. Esse recuo é, no entanto, a condição para detectar, na rápida sucessão de inovações, as constâncias, os ciclos, as rupturas que podem ser modeladas. Esse problema leva o/a (s) pesquisador/a (es) a estabelecer um diálogo fértil com o mundo profissional e pensar no lugar que a pesquisa acadêmica pode ocupar na compreensão e no domínio desses fenômenos que afetam a qualidade das informações entregue à/ao(s) cidadã/o (s).

Eixo 4: Experimentações e jornalismo: perspectivas históricas

O jornalismo sempre produziu experimentações: no nível das práticas, dos formatos, dos dispositivos usados. É a partir dessas experimentações e sua difusão que certas mudanças ocorreram no jornalismo. É o caso do surgimento do novo jornalismo nos Estados Unidos ou do fotojornalismo na Europa (final do século XIX, início do século XX) e Brasil (início do século XX), que têm sido bem estudados. Outros ainda não são objetos de estudos acadêmicos e permanecem considerados na história do jornalismo como uma extensão «natural» dessa prática, sem considerar o contexto, as condições, os/as atores/atrizes que participaram das transformações. Neste eixo, os trabalhos esperados tentarão analisar as experimentações que ocorreram ao longo da história para mostrar como certas maneiras de fazer são parte de seus contextos específicos. Também proporão ampliar a discussão por meio de iniciativas e falhas que renovam o jornalismo, tendo funcionado ou não, ainda que nunca tenham sido lançadas além de espaços localizados ou restritos.

Na medida em que as experimentações em jornalismo tocam vários campos, o processo de seleção estará atento a propostas provenientes das ciências humanas e sociais, bem como contribuições interdisciplinares e de jornalistas profissionais.

5º Colóquio Internacional Mudanças estruturais no jornalismo MEJOR - 2020

CHAMADA DE TRABALHOS

Violência e jornalismo

Data: 16 e 17 de junho de 2020

Organizado pelo coletivo de laboratórios:

DeVisu - EA 2445. Laboratório de Design Visual e urbano (Universidade Politécnica de Hauts-de-France), França.

Programa de Pós-graduação em Comunicação (Universidade de Brasília), Brasil.

ReSIC, Centro de Pesquisa Científica, informação e Comunicação e **LaPIJ**,

Laboratório de Práticas e Identidades Jornalísticas (Universidade Livre de Bruxelas), Bélgica.

GRIPIC, Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em processos de informação e comunicação, Celsa, Universidade de Sorbonne, França.

Arènes, UMR CNRS 6051 (CNRS - Universidade de Rennes 1, Science Po Rennes, Universidade da Alta Bretanha, EHESP), França.

Idioma dos trabalhos:
Inglês, Francês, Português.

Desde 2011, pesquisadores de língua portuguesa e francesa se reúnem a cada dois anos para discutir e apresentar seus trabalhos em torno das mutações das Estruturas de Jornalismo. Este colóquio *Violências e jornalismo* segue-se ao colóquio *Jornalismo Incapaz?*, realizado na cidade de Quebec em maio de 2017, *Silêncios do jornalismo* (Florianópolis, 2015), *Mudanças de identidade* (Natal, 2013) e *Mudanças e permanências do jornalismo* (Brasília, 2011) e, portanto, se insere nesta série denominada MEJOR. Em 2020, o colóquio itinerante do MEJOR será realizado na França pela Universidade Politécnica de Hauts-de-France.

Esta chamada propõe questionar a violência no contexto jornalístico. Ela está aberta a trabalhos em dois níveis: 1) as formas de violência; 2) os usos sociais, políticos e econômicos da violência. O objetivo deste colóquio é o de perceber melhor as modalidades da violência, mas também como elas intervêm nas interações sociais que constituem os processos de informação e comunicação, como são trabalhadas no contexto profissional, usadas como recursos, naturalizadas, exibidas ou escondidas pelos/as atores/atrizes, às vezes incluindo aqueles que delas são vítimas. A intenção deste colóquio não é apenas a de descrever a violência, mas analisar como fazem parte de uma economia de relações de produção, de relações políticas e simbólicas. Para possibilitar essa abertura, o colóquio acolhe comunicações em três áreas: violência contra as mídias e jornalistas; aquelas que as mídias e suas/seus atrizes/atores criam pela própria natureza de sua atividade; e, finalmente, pela violência dentro das organizações.

Eixo 1 - Violência contra as mídias e jornalistas

Elas não são novas. Muito aninhadas nos fatos políticos e econômicos, os meios de comunicação e seus/ suas atores/ atrizes sempre foram alvo de ataques: críticas, questionamentos, além de situações de perigo e agressões. Essas ofensas têm motivações econômicas (investigações sobre desvios financeiros, crimes ecológicos, tráfico de drogas, máfias e cartéis). Eles também têm razões políticas:

Ataques a jornalistas, colaboradores das mídias, de instituições e meios de comunicação, sejam eles físicos ou psicológicos (por exemplo assédio online, *trolling* e assassinatos).

Ataques simbólicos e às representações: difamações midiáticas, deprecições e críticas vingativas (especialmente dos principais líderes políticos).

Eixo 2 - Violência da mídia e jornalistas

Apesar dessa linha não ser raramente mencionada, ela tem uma grande importância, as violências que as instituições midiáticas e seus atores criam pela própria natureza de suas atividades, a pesquisa e publicação da informação. Os ataques são então produzidos pelo efeito da ação jornalística, por vezes sem ter a consciência dos processos que envolvem o ambiente das mídias mais que eles próprios:

Colocar fontes (reais ou simbólicas) em perigo (denunciando, testemunhas, participantes voluntários ou não ao processo de produção de informações); danos à imagem, intimidade, vida privada, integridade e segurança;

Violência simbólica contra o público: cobertura desproporcional, transmissão de notícias falsas, incitação ao ódio, à violência, ao racismo, à misoginia, à falta de diversidade (silenciamento de alguns grupos sociais), transfiguração e desvios do papel das mídias.

Eixo 3 - Violência dentro das organizações

Os ataques à integridade e as situações de perigo dentro das organizações foram muito pouco estudados. Contudo, os níveis de violência são diversos: social, no meio de trabalho, organizacional e hierárquico. Alguns fatos e comportamentos são observáveis, algumas normas e culturas de referências encorajam ou legitimam os atos, e os impactos sobre os jornalistas e os funcionários da redação são raramente medidos pelos pesquisadores (os sindicatos os medem esporadicamente). Sendo que as mutações do trabalho e da relação com o trabalho são, muitas vezes, consideradas como participantes do desenvolvimento da violência, temos que nos interessar também pelo consentimento: de ser vítima do sofrimento, de ser testemunha do sofrimento e de causar um sofrimento;

Violência estruturada por distinções sociais de gênero, cultura, classe, etnias, idade, sexualidade; violência no contexto de trabalho relacionada ao status hierárquico, status funcional, idade, interações entre colegas, conferências de redação, em relação a fontes etc.

As propostas de comunicação podem vir dos campos dos estudos de jornalismo e das mídias, bem como da economia política, linguística, sociologia, antropologia e das ciências políticas, entre outros.

INFORMAÇÕES

Calendário de atividades do Encontro Internacional de Pesquisa sobre Jornalismo

Prazo final do recebimento das propostas (6.000 caracteres com espaços)	10 de janeiro de 2020
Divulgação dos trabalhos aceitos	28 février 2020
Prazo final do recebimento dos textos completos (30 000 à 40 000 caracteres com espaços)	1º junho 2020
Data de realização do evento	15, 16 e 17 de junho de 2020
Publicação dos anais do evento	15 junho de 2021

Normas de submissão

São aceitos trabalhos de doutores/as e doutorandos/as, individuais ou coletivos. Os/as mestrandos/as podem submeter trabalhos, desde que assinados com doutores/as. O/a (s) autor/a (as/es) devem enviar uma proposta de comunicação de **6.000 caracteres** (com espaço), indicando o problema, o método, um campo de pesquisa ou corpus e as referências.

As propostas devem ser enviadas até 10 de janeiro de 2020 para os seguintes e-mails: Colóquio Jornalismo e Experimentações: journalisme.experimentations@uphf.fr
Colóquio Violência e Jornalismo: colloque.mejor@gmail.com

Após aceite do comitê científico, o/a (s) autor/a (es/as) devem enviar para os mesmos e-mails até 1º junho 2020 o texto completo formatado da seguinte forma:

- Entre 30 e 40.000 caracteres (com espaço), incluindo título, resumo (dez linhas), palavras-chave (três a cinco), referências, apresentação do/a/s autor/a/es/as (três linhas), incluindo legendas, notas e agradecimentos se houverem.

- O artigo deve ser redigido em fonte Time New Roman, corpo 12, espaçamento entrelinhas

1.5. As citações com mais de três linhas devem ser feitas em corpo 10 com espaçamento 1.

O trabalho deve necessariamente ser inédito. Ele não pode ter sido publicado em qualquer suporte, nem apresentado em outros eventos científicos. Os trabalhos apresentados serão reunidos em anais de conferências e disponibilizados. Alguns trabalhos podem ser selecionados para publicação nos seguintes periódicos científicos: *Brazilian Journalism Research* para o 2º Colóquio Brasil - França – Bélgica Francófona de Pesquisa em Jornalismo, *Jornalismo e Experimentações*. *Sur le journalisme – About journalism – Sobre jornalismo* para 5º Colóquio Internacional Mudanças estruturais no jornalismo, *Violências e Jornalismo*.

Processo e critérios de seleção

Cada trabalho apresentado será submetido à avaliação cega por integrantes do Comitê Científico. Os critérios de seleção serão:

Originalidade do trabalho.

Ligação com o campo de estudo.

Adequação ao tema.

Pesquisa empírica e relevância das referências utilizadas.

Adequação teórica e metodológica.

Clareza, coerência e respeito aos requisitos do discurso científico.

* Os trabalhos que possuem pesquisa empírica (corpus ou campo) serão privilegiados durante o processo seletivo.

Financiamento de viagens e custos de estadia

Os/as autores/as são convidados a recorrer a suas instituições e agências financiadoras para custear sua participação no colóquio. Recomenda-se não aguardar pelo anúncio dos trabalhos selecionados para enviar os pedidos de financiamento.

Taxa de inscrição: 50 euros para doutores e docentes.
20 euros para doutorandos.

Comitê científico

Abedesselam Benzaoui, Ecole Nationale Supérieure de Journalisme et des Sciences de l'Information d'Alger, Algérie
Amandine Kervella, Université de Lille, France
Aurélia Lamy, Université de Lille, France
Carlos Franciscato, Universidade Federal do Sergipe, Brésil
Chérif Dris, Ecole Nationale Supérieure de Journalisme et des Sciences de l'Information d'Alger, Algérie
Christine Servais, Université de Liège, Belgique
Christophe Gimbert, Université de Rennes 1, France
Daniela Oswald Ramos, Universidade de São Paulo, Brésil
Dione Oliveira Moura – Universidade de Brasília, Brésil
Elizabeth Saad, Universidade de São Paulo, Brésil
François Demers, Université Laval, Québec
Gersende Blanchard, Université de Lille, France
Guillaume Pinson, Université Laval, Québec
Henri Assogba, Université Laval, Québec
Isabelle Garcin-Marrou, Sciences politiques de Lyon, France.
Javier Diaz Noci, Universitat Pompeu Fabra, Espagne
Jean Charron, Université Laval, Québec
Jean-Christien Ekambo Duasenge, IFASIC, République démocratique du Congo
Juliette Charbonneaux, Sorbonne-Université, France.
Juliette de Maeyer, Université de Montréal, Québec
Laura Storch, Universidade Federal de Santa Maria, Brésil
Liliana Bounegru, Oxford Internet Institute | University of Oxford, Royaume-Uni
Manon Libert, Université de Mons, Belgique
Marie Vanoost, UC Louvain, Belgique
Marie-Soleil Frère, Université libre de Bruxelles, Belgique
Nathalie Pignard-Cheynel, Université de Neuchâtel, Suisse
Nikos Smyrniaios, Université de Toulouse, France
Oscar Westlund, Oslo Metropolitan University, Norvège
Paula Melani Rocha, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brésil
Pauline Amiel, Université Aix-Marseille, France
Renira Rampazzo Gambarato, Jönköping University, Suède
Rogério Christofolletti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brésil
Roseli Figaro, Universidade de São Paulo, Brésil
Salvador de Leon, Universidad autonoma de Aguascalientes, Mexique
Samuel Gantier, Université Polytechnique Hauts-de-France, France
Sylvia Moretzsohn, Universidade Federal Fluminense, Brésil
Sylvie Leleu-Merviel, Université Polytechnique Hauts-de-France, France
Thomas Atenga, Université de Douala, Cameroun

Comitê organizador

Angelina Toursel, Université Polytechnique Hauts-de-France, France
Denis Ruellan, Sorbonne-Université, France
Fabio Henrique Pereira, SBPJor et Universidade de Brasília, Brésil
Florence Le Cam, Université de Rennes 1 et Université libre de Bruxelles, Belgique
Monica Martinez, SBPJor et Universidade de Sorocaba, Brésil
Philippe Useille, Université Polytechnique Hauts-de-France, France